

# Justiça infinita: um *Strangelove*

**Edmundo Fernandes Dias**

*Secretário-geral do Sindicato Nacional dos Docentes nas  
Instituições de Ensino Superior (Andes-SN)*

*“Wanted Dead or Alive”<sup>1</sup>*

Mais uma vez, diante de um fato espetacular, busca-se ocultar as determinantes reais do problema. O roteiro da peça é velho mas sempre consegue uma boa audiência. O mundo, não importa a qualidade das contradições, está diante do grito maniqueísta: Exterminemos o mal! Olho por olho, dente por dente! Isto que, evidentemente, perturbará as boas consciências, resolverá o problema? Em uma bela reflexão sobre o racismo, Jean Paul Sartre perguntava aos europeus, espantados com o comportamento dos africanos, “que esperavam, que eles vos agradecessem?”

O chauvinismo racista é sempre perigoso. Stanley Kubrick nos acenou com uma luminosa cena. Um *cowboy* montado sobre uma bomba caía sobre o “inimigo”. A síndrome de *Strangelove* parece cada vez mais atual: estamos em guerra! Sim, mas contra quem? Contra os terroristas! Mas, quem são eles? Não sabemos, não temos provas, mas são comandados por Osama Bin Laden. E diante de todas essas contradições, os governos aliados respondem em coro: Exterminai-os!

Mas quem é Bin Laden? Ele foi uma criação do “mundo livre”. Em 1986, Willian Casey, diretor da CIA, apoiou a idéia dos serviços secretos paquistaneses de recrutar, organizar e treinar radicais islâmicos – entre eles, o grupo de Bin Laden – para combater os russos no Afeganistão. Zbignew Brzezinski, ex-conselheiro de Carter, se perguntava: afinal o que é mais importante, os talibãs ou a derrota dos russos? O preço foi alto. Já em 1998 Bin Laden declara a *fatwa*, ordenando a morte de americanos e seus aliados. Os terroristas de Estado – do Pentágono e da Casa Branca – criaram o monstro que agora, depois de ser um herói na luta contra os russos, virou o maior bandido da história atual. Como bons aprendizes de feiticeiro, os americanos não conseguem mais controlar sua própria criatura.

<sup>1</sup> Cartaz sobre Osama Bin Laden divulgado nacionalmente nos Estados Unidos.

*Terroristas*. Palavra mágica que tem o dom de “resolver” tudo. Eles são tudo e todos que não concordam com o “mundo livre”, com o “*american way of life*”, ou melhor, contra o “*american way of business*”. Terroristas, comunistas, assim foram chamados aqueles que, durante o século vinte, se opuseram às brutalidades “civilizatórias” do capitalismo. Parece estranho esse “ou está comigo ou está contra mim”. Antigamente eles eram os “bárbaros”, os outros, os diferentes.

Mas quem é *terrorista*? Vinte anos atrás (16 de setembro de 1982), os aliados paramilitares de Israel (com o apoio cúmplice deste e do “mundo livre”) durante três dias semearam o horror sobre os campos de refugiados de Sabra e Chatila. Estupros, saques, assassinatos. E o silêncio do “mundo livre”. Afinal, os palestinos eram “bárbaros”, “terroristas”. A ultra direita libanesa praticou essa ação “civilizadora”, a partir da invasão israelense para expulsar a OLP do Líbano, com o decidido e declarado apoio de Alexander Haig, secretário de estado americano. Em Sabra e Chatila, foram 1.800 os mortos, no Líbano, morreram 17.500 libaneses e palestinos, na sua imensa maioria, civis. Silêncio cúmplice da maior parte da mídia internacional, apoio tácito das grandes potências. *Quem são os terroristas?*

Hiroshima e Nagasaki foram demonstrações radicais da civilização livre. Após provocarem longamente o Japão, obrigando-o a entrar na guerra, os americanos os chamaram de *terroristas, covardes, etc*. E instauraram em solo americano os campos de concentração contra os nipo-americanos genericamente traidores e quinta colunas. As bombas atômicas não apenas destruíram as duas cidades mas, por décadas, continuaram matando aqueles que sofreram os efeitos da radiação. Muitos dos quais mal tinham nascido. Mas eles eram os bons e civilizados. Os outros, *o perigo amarelo*.

Não será necessário lembrar os séculos e séculos em que a Inquisição garantia a supremacia de uma religião e de uma cultura contra os *bárbaros* árabes. Nem mesmo necessitamos lembrar a monstruosa destruição de povos e civilizações para que o capitalismo e o “mundo livre” pudessem ser gestados e chegarem a dominantes no planeta. Pensemos apenas no imenso genocídio da atualidade. Em nome da liberdade do mercado, as políticas neoliberais reduziram e reduzem a chamada humanidade a fiapos de vida, a fantasmas que privados de vida perambulam pelo mundo, chocando as vistas dos grão-senhores da financeirização do capital. A escravidão de outrora e a de hoje são necessárias para os dominantes, é óbvio. *Quem mesmo são os terroristas?*

Operação Condor, ditaduras gerenciadas pelos militares, décadas perdidas para as classes trabalhadoras, ditaduras abertas do Capital comandadas pelos FHC, pelos De La Rúa, *mas afinal quem são os terroristas?*

Pode o extermínio do outro, do “bárbaro”, do “terrorista”, representar a liberdade para os povos? A História nos mostra o contrário. Os

extermináveis judeus são hoje os exterminadores israelenses. Os antigos aparelhos repressivos continuam a existir e a produzir seus efeitos. Vladimir Putin, militante da KGB, hoje personagem do “mundo livre”, continua sua obra: antes, as oposições internas, hoje, os chechenos, sempre combatendo os... “terroristas”, é claro. Assim caminha a humanidade.

A Liberdade, com L grande, não pode ser usada como peça de retórica quando interessa. Os “libertadores” profissionais não podem receber um mandato ilimitado, sequer devem receber qualquer mandato. A Liberdade foi, é, e será sempre um dos grandes mitos que tem guiado as classes trabalhadoras na negação das brutais condições de vida a que vêm sendo submetidas por séculos e séculos.

Bush é o líder dos livres? O *cowboy*, montado no mais poderoso arsenal nuclear e financeiro do planeta, ganhou, de uma hora para outra, uma oportunidade de ouro. “Eleito” em eleição contestadíssima, vitorioso por que os republicanos tinham um juiz a mais que os democratas no Supremo, quer agora construir um governo de união sagrada nacional. E para isso nada melhor que o fantasma do “terrorista”, do “bárbaro”. Ganha, ainda por cima, o apoio e a subserviência de governantes como o *Tory Blair* que falam de guerra como se fosse um videogame. Mesmo no governo americano, as advertências à escalada bélica apareceram. A nada suspeita Madeleine Albright, ultra-conservadora, já anunciou que acabou o tempo da guerra asséptica. Uma intervenção militar enfrentará, no caso do Afeganistão, uma população acostumada à luta contra o invasor e que já derrotou ingleses e russos. Será um novo Vietnam, ainda mais desgastante. A racionalidade dos opositores não será política apenas, mas profundamente articulada com a crença religiosa fundamentalista.

Bush, imaginando-se um herói civilizador, comanda um país marcado por uma cultura da morte, construído tanto pelo assassinato sistemático dos índios, quanto pela violência contra os trabalhadores imigrantes, passando pelas intervenções militares nos mais diversos países. Uma cultura em que um menino de seis anos é passível de processo por assédio ao beijar na face de uma coleguinha de quatro anos; em que, periodicamente, jovens estudantes assassinam colegas e professores; onde proliferam *serial killers* e onde se atacam políticas de prevenção da AIDS de outros países por restringirem o domínio das empresas farmacêuticas multinacionais. Pode parecer um paradoxo falarmos em uma cultura da morte. Ainda hoje, o racismo marca os trabalhadores com o ferro em brasa da intolerância. Uma sociedade cujos órgãos de segurança afirmam existirem, em seu próprio território, cerca de 1.500 seitas de ultradireita armadas e fanatizadas, onde um ato como o de Oklahoma, é praticado por um herói condecorado da guerra do Vietnã, ao custo da vida de 200 pessoas, e em que um presidente

e um ex-ministro da Justiça e candidato a presidente foram assassinados não pode chamar ninguém de bárbaro ou terrorista e muito menos ser qualificada como civilizada. Uma sociedade cujos governos apoiaram os ditadores mais sangrentos e condenou lideranças reformistas, só pode esperar o ódio dos demais povos não obstante sua mídia e a dos seus aliados a apontem como o paraíso na terra. O rosário é longo se o desfiarmos todo. Diante disso tudo, o silêncio de governos e mídia. Afinal, isto é a liberdade, a normalidade. Um silêncio quando se trata de apresentar o ponto de vista antagonista porque o discurso oficialista é abundante. O efeito é o do ocultamento dos fatos reais colocando para nós a tarefa de revelar o significado das relações entre os Estados Unidos e o resto do planeta, vale dizer encaminhar o deciframento das condições da hegemonia deles.

Tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil e em outros países as liberdades sociais e civis estão sob ameaça. A cidade de Nova York já aprovou a pena de morte contra os “crimes contra o Estado” e sete meses de cadeia, por exemplo, contra aquele que soltar boatos sobre questões como as do World Trade Center e o Pentágono. A simples cor da pele e a fisionomia diferenciada já produziram mortos e feridos. No Brasil, FHC e sua tropa já usam animadamente o “terrorismo” para aumentar a vigilância sobre as comunicações telefônicas e, logo, poderão surgir restrições ainda maiores às liberdades. Tudo em nome do combate ao *terror*. A subserviência é total: “*o que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil*”

Resistir a esse quadro não é aceitar ações como as que ocorreram em Nova York. O ódio de séculos e séculos foi atualizado. O ataque aos templos sagrados do *american business* e ao templo sagrado do poder militar e imperial demonstra a radicalidade do processo. A hora é de construir as pontes para liquidar essa espiral. A luta internacional dos trabalhadores e um novo internacionalismo do trabalho são condições para a liberdade concreta. Denunciar o militarismo e as ações irresponsáveis dos pseudo-líderes do mundo significa mobilizar nossas forças e nossas emoções para a construção da nova sociedade, para além dos limites impostos pelo Capital.